

# A CONCEPÇÃO DE UMA INTÉRPRETE DE LIBRAS SOBRE O CONCEITO DE NORMALIDADE EXPRESSO EM MAPA CONCEITUAL

José Anchieta de Oliveira Bentes – Orientador PPGED / UEPA  
Huber Kline Guedes Lobato – Mestrando PPGED / UEPA

## **Resumo:**

Este artigo visa abordar o conceito de normalidade a partir da concepção de uma intérprete de Libras que atua em turma de mestrado em educação de uma universidade pública estadual no Pará. O presente trabalho teve como enfoque teórico os estudos de Carlos Skliar a respeito das conceituações sobre a “normalidade”. Este estudo constitui-se a partir da seguinte questão norteadora: que concepções uma intérprete de Libras mestranda em educação elabora sobre o conceito de normalidade? O método é pautado na pesquisa-ação, que envolveu um grupo de 04 acadêmicos, subdivididos em 02 duplas que participaram de uma aula na referida turma de mestrado. A estratégia utilizada nesta atividade foi à construção e análise de mapas conceituais para o conceito de *normalidade*. Apesar de termos atuado com 04 acadêmicos, neste trabalho iremos focar apenas a concepção da acadêmica que é intérprete de Libras. Os resultados deste estudo revelam, por meio de mapa conceitual, que o conceito de normalidade é visto por regras e padrões sociais que busca preparar o indivíduo a ser normal, sem deficiência, sem defeito, sem doença e com perfeição, e que busca excluir e ignorar, marginalizar e desprezar aqueles que desviam-se da normalidade.

**Palavras-chave:** Conceito de Normalidade. Mapas Conceituais. Relações Sociais.

## **1 Palavras iniciais**

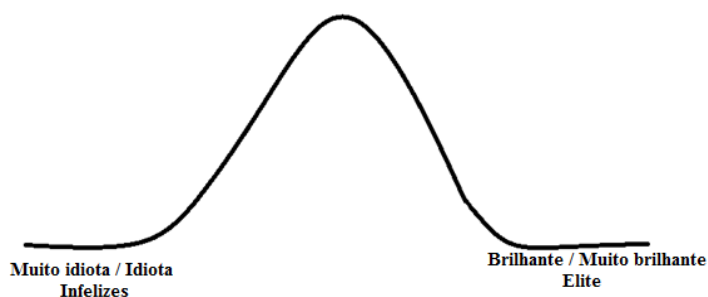
Para abordarmos nossas considerações a respeito das conceituações sobre a “normalidade” e o “normal”, a partir das representações sociais elaboradas por uma mestranda intérprete de Libras que atua em uma turma de mestrado em educação de uma universidade pública estadual no Pará, faz-se necessário inicialmente definirmos algumas compreensões sobre os conceitos de normalidade.

De acordo com Skliar (2003) a palavra *norma* tem significado latino que demarca uma arte de seguir preceitos e corrigir erros, para o autor a norma nos guia em nosso contexto social atual, porém esse conceito de norma e normalidade como ideologia para a criação do corpo anormal possui uma gênese histórica que necessita ser abordada para ser mais bem compreendida.

O discurso de normalidade pode ser reportado à Grécia Antiga que, segundo Bentes; Hayashi (2012) apesar do uso da palavra normalidade neste contexto ainda não existir, as pessoas que nasciam “defeituosas” eram executadas ou abandonadas por serem improdutivas para a sociedade em questão que visava à preparação de indivíduos para atuarem nas guerras.

Na Idade Média aparece a figura do grotesco que, de acordo com Davis (2006), “é uma forma visual relacionada inversamente ao conceito de ideal” (p. 04). Porém segundo o autor essa não era a razão para a eliminação das pessoas “defeituosas” neste contexto, o que justificava essa eliminação eram as práticas religiosas voltadas à possessão de espíritos malignos, demônios e pecados.

A origem do termo *normalidade* origina-se dos estudos estatísticos aplicados ao corpo humano pelo estatístico francês Adolfe Quetelet (1796-1847) e sua noção de homem médio ou *l'homme moyen* abordados no ano de 1835 em seus estudos sobre a curva do sino<sup>1</sup>. Conforme Davis (2006) “toda curva do sino terá sempre em suas extremidades aquelas características que se desviam da norma. Assim o conceito da norma vem do conceito dos desvios ou dos extremos” (p. 06).



**Fonte:** elaboração própria com base em Davis, 2006.

Nesta imagem entende-se a curva do sino, conforme Bentes; Hayashi (2012, p. 49) “a maioria branca, com Quociente de Inteligência normal, altura mediana, com todos os sentidos perfeitos e os integrantes da classe média, que supostamente formam a sociedade”. Assim, no lado esquerdo e direito estão os que desviam-se da norma, aqueles excluídos do padrão de perfeição, beleza e inteligência valorizados socialmente.

Neste sentido o conceito de normalidade foi historicamente construído a partir do século XIX e vem sendo disseminado em nossos dias atuais onde as pessoas discriminam, excluem, segregam, rotulam, estereotipam e representam socialmente o “*outro anormal*” em função de um padrão de corpo considerado normal e bem aceito por todos.

De acordo com estes pressupostos é cabível recorrer à seguinte questão: que conceitos uma acadêmica intérprete de Libras e mestranda em educação elabora sobre o conceito de norma e normalidade? Com isso, temos como principal objetivo abordar o

---

<sup>1</sup>Para Bentes; Hayashi (2012) a curva do sino foi formulada por Karl Friedrich Gauss (1777-1855) e a partir desta teoria criou-se o conceito de Quociente de Inteligência (QI) por Alfred Binet e Theodore Simon em 1905, com o intuito de medir a aprendizagem escolar de estudantes, e com isso caracterizar os chamados deficientes mentais.

conceito de normalidade a partir da apreensão elaborada por esta mestranda que atua em uma turma de mestrado em educação de uma universidade pública estadual no Pará.

## 2 Percorso metodológico

O presente trabalho tem como foco a pesquisa-ação, pois de acordo com Moreira; Caleffé (2006, p. 89) “a pesquisa-ação é uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção”. Assim, buscamos perceber no lócus de uma instituição pública estadual de nível superior como uma interprete de Libras, acadêmica da turma de Mestrado em Educação apreende o conceito de *normalidade*.

Nossa participante da pesquisa é uma acadêmica da disciplina *Educação Especial na perspectiva inclusiva: políticas e fundamentos teóricos metodológicos*, que possui carga horária de 60h e foi ministrada às quartas feiras no período de janeiro a junho de 2014 em uma universidade pública estadual no Pará.

A participante da pesquisa é licenciada em pedagogia e especialista em educação especial; possui curso de tradução e interpretação em Libras, promovido pela ASTILP (Associação de Tradutores e Interpretes de Libras do Pará); atua como professora da disciplina ensino da Libras em instituição federal de nível superior e possui o exame de proficiência para o ensino de Libras – PROLIBRAS/2009. É válido ressaltar que nossa participante sugeriu que fosse denominada pelo nome fictício de Wilma em nosso trabalho.

Em nossa atividade utilizamos como estratégia de obtenção de dados o uso de mapas conceituais, que é uma técnica proveniente da Teoria da Aprendizagem Significativa (TAS) de David Ausubel. Estes mapas, apesar deles serem usados como instrumento facilitador da aprendizagem, também servem, segundo Tavares (2007) “para um especialista tornar mais clara as conexões que ele percebe entre os conceitos sobre determinado tema” (p. 74).

Desta forma os mapas conceituais consistiram em instrumento metodológico que foi usado na aula do dia 19/03/2014, sendo que toda a atividade foi gravada em aparelho Smartphone LG-L5 e durou 02 horas e 53 minutos. A atividade didática que nos referimos neste trabalho ocorreu em três momentos:

- 1) Exibição do filme “*Um corpo e duas cabeças*”, que mostra a realidade de gêmeas americanas siamesas ou xipófagas denominadas Abigail e Brittany.
- 2) Dinâmica com os acadêmicos da turma divididos em seis duplas, em que a cada dupla foi designada a função de representar o conceito de normalidade de forma escrita, por desenho ou por mapas conceituais.

- 3) Exposição em slides do capítulo IV - sobre a anormalidade e o anormal: notas para um julgamento (voraz) da normalidade – do livro: *Pedagogia (improvável) da diferença: e se o outro não estivesse aí?* de Carlos Skliar.

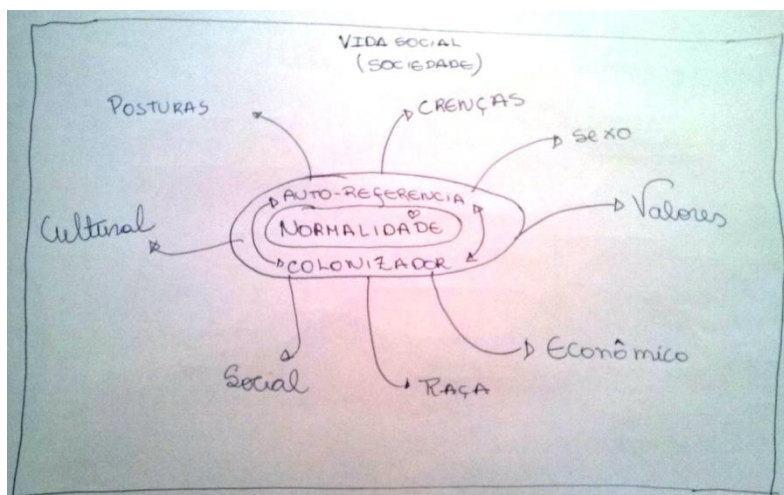
É sobre o segundo momento da atividade didática que organizaremos nossas discussões neste trabalho, em que iremos selecionar somente os discursos da acadêmica intérprete de Libras, que utilizou mapas conceituais para definir o conceito de normalidade.

### 3 Resultados e discussão

Neste estudo fazemos a análise de mapa conceitual utilizado por uma discente intérprete de Libras do Programa de Mestrado em Educação de uma universidade do estado do Pará, para representar conceitos relacionados ao tema da “normalidade” exposto em uma aula realizada no mês de março de 2014. A turma era composta por 15 alunos, porém apenas 04 alunos (divididos em duplas) realizaram a atividade com uso de mapas conceituais, a partir da seguinte pergunta: *como você representa a normalidade em nossa sociedade?*

Desta forma os mapas conceituais foram construídos pelos acadêmicos e apresentados aos demais acadêmicos da turma, demonstrando os conceitos apreendidos sobre a temática da normalidade. Porém neste trabalho iremos focar nossa atenção apenas para a concepção da mestranda intérprete de Libras, que participou de nossa investigação. Perceberemos que os resultados da pesquisa serão apresentados por meio de imagens de mapas conceituais e de forma descritiva.

**Imagem 1:** conceito de normalidade elaborado por Wilma



FONTE: arquivo pessoal, 2014

Percebemos neste mapa conceitual que a palavra *normalidade* encontra-se no centro, representando algo primordial a ser alcançado em nossa sociedade, conforme Wilma “colocamos no caso, a normalidade no centro como algo vital, como se ela marcasse, como se a normalidade tivesse dentro desse padrão”. Assim a normalidade em nosso contexto social é tida como um elemento a ser desejado por todos, para Skliar “o normal é o preferível, o desejável, aquilo que está revestido de valores positivos” (2003, p. 187).

No centro do mapa, em cima, há a palavra *auto-referência* e abaixo encontra-se o termo *colonizador*, envolvidos por setas que se relacionam. Ambos atinam-se aos sujeitos de nossa sociedade que ao se perceberem como auto-referentes, ao mesmo tempo tornam-se colonizadores e assim o “padrão de normalidade vai se caracterizando, vai se moldando” (Wilma).

De acordo com Oliveira e Dias (2012), “a diferença, então, é demarcada por atributos pessoais físicos, mentais, morais, culturais em torno de um *Eu* autorreferente, sendo o *Outro*, nesse sistema de unicidade dual, visto como menor ou inferior” (p. 96). Neste sentido o colonizador ocasiona a negação, depreciação e exclusão, por ser causa de ameaça ou mal-estar ao seu grupo social, e mesmo assim em nosso contexto social, “o colonizador é inocente, sendo vista a sua ação pedagógica como um mérito ou violência necessária” (p. 94).

Ao continuar abordando sobre o mapa Wilma ressalta que há também a “questão de posturas como você deve se portar em certos lugares, crenças, qual a crença certa? A questão do sexo, masculino e feminino, valores, a economia, raça, a questão social e cultural”. Todos estes conceitos estão interligados ao conceito de normalidade, ou seja, em nossa sociedade ser normal é ser elegante, ser cristão, ser heterossexual, ser rico, ser branco, ser burguês, ser culto. Conforme Davis (1997), “nós vivemos em um mundo de normalizações. Cada um de nós se esforça para ser normal ou tenta deliberadamente evitar o estado contrário” (p. 03).

Para Wilma “isso tudo está dentro de uma cadeia maior e esse quadrado a gente tentou representar a vida social”, pois este quadrado presente no mapa conceitual demarca um determinado grupo social, logo aquele que se enquadra aos padrões determinados por este grupo é bem aceito, senão é excluído. Wilma ressalta que “no conceito de normalidade se colocou até um coraçãozinho aqui no centro como se essa vida de normal pulsasse”, então infere-se que a vida de certos sujeitos é determinada por normas e padrões sociais que estão no centro dessa vida, como um coração, pois “a norma é um grupo que se atribui uma medida comum de acordo com sua própria mesmidade, com seu próprio olhar para si mesmo, com a rigorosidade e exatidão de quem se sabe normal” (SKLIAR, 2003, p. 186).

Neste sentido o mapa conceitual nos traz a mensagem de que a normalidade é construída por sujeitos auto-referentes e colonizadores que fazem parte de um grupo social que possui posturas, crenças, sexos, valores sociais, econômicos e culturais diretamente relacionados a padrões de normalização e de corpos que estejam dentro da média social. Logo este grupo torna-se opressor, excludente, desigual para com aquele que não estar adequado a fazer parte deste grupo considerado *normal*.

Assim, a sociedade cria normas que devem ser obedecidas por todos, pois para Bentes e Hayashi (2012) “existem padrões de normalidades – em alguns grupos sociais, o padrão de normalidade é estabelecido ou criado por dentro desses grupos – que ditam quem pode fazer parte” (p. 38). Percebemos que a normalidade é criada a partir de regras e padrões que são determinados pela própria sociedade. E neste contexto é preciso ser normal, sem deficiência, sem defeito, sem doença e gozar de plena perfeição, para assim ser considerado aceito por determinada estrutura social normalizadora, que passa a excluir, ignorar, marginalizar e desprezar corpos que se desviam da média.

#### **4 Palavras finais**

O conceito de norma e normalidade origina-se dos estudos estatísticos do ano de 1835, sendo historicamente construído e chegando aos nossos dias atuais vinculado a outros conceitos, tais como: diversidade e inclusão.

Neste estudo analisamos a concepção de uma acadêmica intérprete de Libras que participou de uma atividade didática na disciplina *Educação Especial na perspectiva inclusiva: políticas e fundamentos teóricos metodológicos* do Programa de Mestrado em Educação de uma universidade pública estadual do Pará.

A intérprete de Libras denominada Wilma utilizou o mapa conceitual para expor de maneira mais clara os conceitos sobre o tema da normalidade. Neste sentido, seu mapa nos mostra que a normalidade é construída por sujeitos auto-referentes e colonizadores pertencentes a um contexto social que possui posturas, crenças, sexos e valores sociais, econômicos e culturais amplamente considerados normais. Assim, estes sujeitos tornam-se opressores, excludentes, desiguais com aquele que desvia-se da normalidade.

Em suma conceito de normalidade é estabelecido por regras e padrões que são definidos pela sociedade, que dita que é preciso ser normal, sem deficiência, sem defeito, sem doença e possuidor de plena perfeição, para ser aceito por determinada estrutura social e que

busca normalizar os corpos de nossa sociedade, e conseqüentemente excluir, ignorar, marginalizar e desprezar os corpos que desviam-se dos corpos normais.

## **Referências**

BENTES, J. A. de O; HAYASHI, M. C. P. I. **Normalidade e disnormalidade**: formas do trabalho docente na educação de surdos. Campina Grande: EDUEPB, 2012.

DAVIS, L. J. Constructing normalcy: the Bell Curve, the novel, and the invention of the disabled body in the Nineteenth Century. In: **The Disability Studies reader**. NY: Routledge, 1997.

MOREIRA, M. A; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

SKLIAR, C. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí?. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Editora da Universidade de Brasília: Brasília: 2006.

TAVARES, R. **Construindo mapas conceituais**. Ciências & cognição, 2007; Ano 04, v. 12, p. 72-85. Disponível em <http://www.cienciasecognicao.org>.

FALCÃO, P. H. B. **O ensino da disciplina metodologia científica através de mapas conceituais e do diagrama do conhecimento**. V Colóquio Internacional: educação e contemporaneidade. São Cristóvão – SE, 2011.